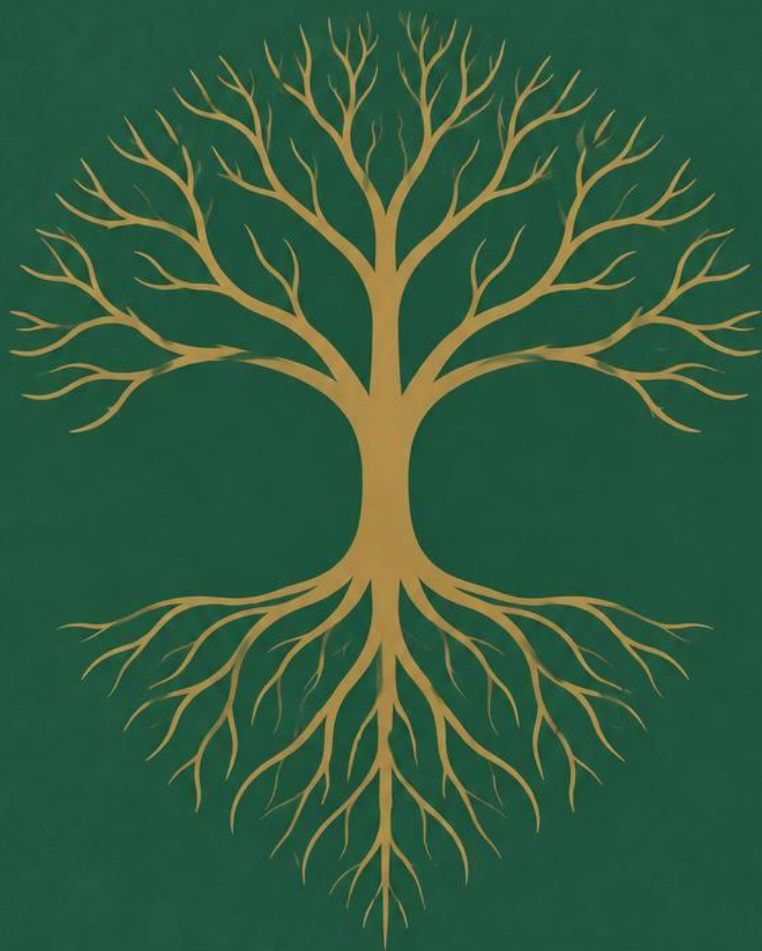


MULTIPOTENCIAL

Um manifesto pessoal e um guia prático



SANDRO MYRRHA

Multipotencial

Um manifesto pessoal e um guia prático

SANDRO MYRRHA

SANTOS, 2026

SUMÁRIO

PREFÁCIO	1
A Palavra que Mudou o Parágrafo	
CAPÍTULO 1	3
Eu Sempre Fui Assim	
CAPÍTULO 2	9
Eles Também Eram Assim	
CAPÍTULO 3	12
O Problema que Ninguém Nomeia	
CAPÍTULO 4	15
O Espectro: Você é Mais do que uma Categoria	
CAPÍTULO 5	19
O que é um Multipotencial de Verdade	
CAPÍTULO 6	24
A Metáfora da Árvore	
CAPÍTULO 7	29
O Ciclo BPA: Base, Percepção, Ação	
CAPÍTULO 8	34
Os 17 Protocolos de Navegação	
CAPÍTULO 9	56
Valores: O que Governa Tudo por Baixo	
CAPÍTULO 10	60
O Próximo Passo	
Epílogo	65

PREFÁCIO

A Palavra que Mudou o Parágrafo

Existe uma experiência curiosa que acontece quando alguém encontra a palavra certa para algo que sempre viveu mas nunca soube nomear. A sensação é de alívio. De reconhecimento. Como se o parágrafo que ficava inacabado finalmente encontrasse seu ponto final, e um novo parágrafo pudesse começar.

Essa foi a minha experiência quando descobri as palavras polímata e multipotencial. Não mudou quem eu sou. Não mudou o que eu faço. Mudou como eu me vejo fazendo.

A palavra eu não inventei. *Multipotencial* (*multipotentialite*, no original em inglês) foi cunhada por Emilie Wapnick e ganhou o mundo com a palestra dela no TEDxBend, em 2015. Encontrar não é criar. Mas para quem passou a vida inteira sem um nome para aquilo, encontrar basta.

Durante anos tentei me encaixar num mundo que pede especialização exclusiva. Tentei escolher uma área só. Tentei responder com clareza aquela pergunta simples que nunca me pareceu simples: qual é a sua área? Eu tinha dez respostas possíveis. E nenhuma delas parecia completa.

Este livro é o que aprendi nesse caminho. É um manifesto pessoal e um guia prático. É para quem também tem dez respostas para uma pergunta que deveria ter uma. Para quem sempre se sentiu deslocado num mundo que valoriza especialistas. Para quem tem muito dentro, e ainda não encontrou a estrutura para organizar tudo isso em força.



Ninguém precisa ser o novo Leonardo da Vinci. Cada pessoa precisa ser a versão mais profunda de si mesma. E esse caminho passa pela dedicação, pela paciência e pela coragem de abraçar quem sempre foi.



Eu Sempre Fui Assim

Antes de saber o que era um multipotencial, já era um.

Tinha uns dez anos quando decidi criar uma armadilha para formigas usando canudos de plástico e rolos de linha de costura da minha mãe. A lógica era impecável na minha cabeça: as formigas entrariam pelos canudos, os rolos funcionariam como câmaras de contenção. Não funcionou. As formigas não leram o manual.

Pouco depois, tentei montar uma máquina de fazer pipoca usando energia solar. Uma lupa para concentrar o calor do sol, uma panelinha de brinquedo da minha irmã, milho posicionados com precisão cirúrgica. O resultado foram grãos pretinhos, um por um, nenhum virou pipoca. A máquina não escalou.

Houve também a tarde inteira no meu quarto com um soldador que eu mal sabia usar, montando um kit de dimmer eletrônico que tinha ganhado de presente: o botão giratório que acende a lâmpada aos poucos, o espelho de parede e a plaquinha de circuito com as trilhas de cobre. Não funcionou. Provavelmente alguma solda fechou um curto entre duas trilhas, e eu nunca descobri qual. Mas aprendi mais naquela tarde do que em semanas de aula.

E teve o alarme caseiro. Linhas amarradas por toda a casa, conectadas à porta de entrada. Se alguém abrisse a porta, uma pilha cairia no meu quarto e me avisaria da invasão. O alarme funcionava perfeitamente. O problema era que ninguém mais conseguia circular pela casa sem disparar o aviso.

Enquanto isso, eu digitava programas em linguagem BASIC no meu TK90X, um clone brasileiro do ZX Spectrum da Sinclair, fabricado pela Microdigital, ligado na televisão e com os programas gravados em fita

cassete. Comprava revistas de papel nas bancas que traziam códigos para copiar. Criava jogos. Tentava criar aplicativos. Quase nada funcionava como planejado, e eu continuava tentando.

Repare no padrão comum a todas essas tentativas. Nenhuma foi bem sucedida no sentido estrito. A formiga não caiu na armadilha, o milho não virou pipoca, o alarme inviabilizou a própria casa. Um adulto observando de fora chamaria isso de dispersão infantil. Mas cada tentativa pedia que eu entendesse como as partes de um sistema funcionavam juntas (mecânica simples, óptica rudimentar, eletrônica básica, lógica de programação) e que usasse esse entendimento na prática, e não só o descrevesse. Olhando hoje, reconheço ali o comportamento de alguém que investiga, e não o de uma criança dispersa.



O ADOLESCENTE, A UFMG E A CORAGEM DE RECOMEÇAR

A mesma amplitude aparecia fora da parte técnica, na dimensão artística. Desde cedo, uns onze, doze anos de idade, eu já compunha música, e lembro claramente de uma delas feita nessa fase, criada em cima de um LP de karaokê, trocando letras de músicas conhecidas por versões que falavam da vida da turma no Colégio Loyola. Toquei violão e cantei a vida inteira, o suficiente para acompanhar bem a própria voz, e isso foi o bastante pra formar banda com os amigos da escola todo ano, competindo nos festivais da canção do colégio e em outros festivais também. Toquei durante anos na igreja do meu bairro, o Gutierrez, em Belo Horizonte, e passei catorze anos na equipe de música da Semana Santa Jovem, um encontro anual que reunia os colégios jesuítas de toda a região sudeste na Vila Kostka, a casa de retiros dos jesuítas no bairro de Itaiçi, em Indaiatuba. O violão e o canto abriram porta que nenhuma outra habilidade minha abria sozinha, a de conhecer gente nova e entrar em ambientes onde eu não tinha entrada natural nenhuma.

A música também virou ferramenta de estudo. No primeiro ano científico, em 1989, fiz uma canção para decorar as valências da tabela periódica e outra para a prova de história, chamada “Voltaire, Rousseau, Montesquieu”, com um parágrafo sobre cada filósofo. Consigo cantar as duas de cor até hoje, mais de trinta e cinco anos depois. O recurso me acompanhou na faculdade de Direito: eu gravava letras próprias sobre melodias que já sabia de cor, cheias dos conceitos jurídicos que precisava decorar, numa época em que música feita por inteligência artificial nem existia. A raiz da música nunca parou de crescer, só mudou de função.

Teve também o esporte, sobretudo o futebol, jogado com os amigos toda semana até uma lesão no joelho, ligamento cruzado anterior e menisco, exigir cirurgia. Depois da cirurgia, troquei de modalidade, sem abandonar o movimento, só evitando esportes com mudança de direção muito brusca.

Na escola, gostava de física, biologia, português, história, matemática, geometria, química e educação física, todas ao mesmo tempo e

com a mesma intensidade real. Isso era amplitude genuína, o tipo de interesse que a escola custa a nomear direito porque está acostumada a tratar cada matéria como um compartimento fechado.

Quando chegou a hora de escolher uma faculdade, meus pais, com a melhor das intenções, sugeriram Engenharia Elétrica. Tinha relação com computadores, que eu amava. O diploma seria robusto. A lógica fazia sentido para aquele momento.

Passei no vestibular de primeira tentativa na UFMG e na PUC Minas, no fim de 1991. Pela classificação, minha turma na UFMG só começaria no segundo semestre de 1992, e o semestre livre acabou virando outra raiz. Ainda estudando para o vestibular, eu tinha me candidatado ao programa de monitores de colônia de férias da ACM, a Associação Cristã de Moços, nos Estados Unidos: duzentos candidatos para doze vagas, com meses de treinamento aos sábados e domingos. Fui aprovado e passei o verão de 1992 em Houston, no Texas, cuidando de grupos de crianças e morando em casas de família que o programa trocava a cada poucas semanas. Além do inglês fluente, pesou na seleção uma leitura atenta das pessoas: prestei atenção no que os avaliadores diziam valorizar e no que valorizavam de fato, pelo comportamento deles, e percebi que eu tinha aquilo, a facilidade de lidar com gente e o jeito descontraído. Aos dezoito anos, a habilidade de relação já funcionava como força, muito antes de eu ter nome para ela.

Voltei e comecei o curso. Dois anos e meio depois, percebi que estava infeliz por uma ausência que foi crescendo aos poucos: sentia falta das humanidades, de poesia, de literatura, de relações humanas, de arte. A engenharia não cabia em mim inteira.

Decidi sair da universidade mais concorrida de Minas Gerais. Foi difícil, principalmente porque não havia nada de errado com o curso, só havia algo incompleto em continuar nele. Conversei com meus pais, que me apoiaram. Fiz vestibular para Direito e passei, de novo na primeira tentativa. Formei-me bacharel em Direito, o que me permitiu anos depois ser aprovado nos concursos de escrivão e delegado da Polícia Federal.

Entre a formatura e a posse na Polícia Federal, houve um intervalo que a frase anterior atravessa rápido demais para ser justo com o que aconteceu nele.

Formei em Direito no fim de 1999 e comecei o ano seguinte já formado, mas trabalhando havia três anos numa função que não tinha nenhuma relação com a profissão. Desde 1997, eu era auxiliar de administração escolar no Colégio Loyola, um colégio jesuíta em Belo Horizonte, só que na prática minha função era outra: eu era o responsável pela música na pastoral do colégio. Tocava violão, e outros instrumentos quando era preciso, em missas, formaturas, encontros de jovens de cada série e nos encontros intercolégiais que reuniam os sete colégios da Companhia de Jesus em Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Viajava quase todo fim de semana com uma turma diferente. Fiquei nessa função até 2001, e não existia carreira nenhuma pela frente ali, poucos colégios no Brasil tinham essa mesma demanda, e nenhum outro tipo de escola tinha função parecida.

Foi por isso que, logo depois de formado, decidi fazer uma pós-graduação em gestão empresarial na Fundação Getúlio Vargas, em Belo Horizonte. A ideia era simples, uma visão mais multidisciplinar que pudesse se somar ao diploma em Direito e abrir alguma porta que a advocacia sozinha, sem nenhuma experiência de estágio em escritório, ainda não tinha aberto. O curso valeu a pena, mas terminou de um jeito que hoje reconheço como sintoma do mesmo perfil disperso que este livro inteiro tenta explicar: reprovei numa matéria, precisava fazer uma segunda prova, e a comunicação sobre essa prova chegou por um email que eu simplesmente não checava. Quando finalmente vi a mensagem, já era tarde demais para recuperar o prazo.

Ao mesmo tempo, eu vinha sendo aprovado nas fases do concurso de escrivão da Polícia Federal. Tomei posse como escrivão em outubro de 2003, depois de quatro meses de curso de formação na Academia Nacional de Polícia em Brasília. Fiz o mesmo caminho de novo pouco depois para delegado, e tomei posse em julho de 2007. Entre uma formatura em Direito sem rumo definido e uma posse que definiria os vinte anos seguintes da minha vida profissional, passaram-se quase

oito anos de tentativas paralelas, nenhuma delas perdida, mesmo a que ficou para trás sem diploma.

Cada escolha abre um caminho e fecha outros. Faz parte da vida aceitar que toda direção tomada implica direções deixadas de lado por ora.

O DIA QUE ENCONTREI A PALAVRA

Décadas depois daquelas invenções que não funcionavam, encontrei duas palavras que explicavam tudo, polímata e multipotencial.

Polímata, do grego poly e máthēma, aquele que aprendeu muito em muitas áreas. Multipotencial, aquele que tem múltiplos interesses genuínos e potencial real em áreas diversas.

A palavra não mudou o que eu faço. Mudou como eu me vejo fazendo.



Fim da amostra

Gostou do começo de Multipotencial?

O livro completo continua daqui: todos os capítulos, na
versão tela grande e na versão celular.

Quero o livro completo



multipotenciais.com.br